



Jeancláudio

# Eficácia não deve estar dissociada do ensino de valores



José Carlos Rassier\*

**E**studiosos e especialistas têm debatido, com ardor, o tema da educação, sobretudo em sociedades que se encontram em estágios mais atrasados. Com propriedade, refletem sobre o papel desta como impulso motriz para ensejar, de forma sustentável, ciclos de desenvolvimento econômico e social.

Este intenso movimento acerca de como melhorar a qualidade da educação, inevitavelmente, apresenta aspectos ideológicos que estão relacionados com a visão de mundo dos distintos grupos, na medida em que algumas das avaliações, muitas vezes, desprezam questões essenciais, relacionadas ao ensino de valores éticos e morais, focando aspectos mais funcionais e operativos, que parecem ser mais relevantes e urgentes tecnicamente.

Aprendemos que nenhum olhar é neutro, pois, como afirmava o sociólogo alemão Max Weber, “cada um vê o que traz no coração”. Assim é que, de maneira muito singela, quando somos inquiridos sobre quais são

os fatores que determinam a eficiência do processo educacional, somos despertados para vários componentes contemporâneos, que estão inegavelmente associados às condições estruturais, gerenciais e pedagógicas, as quais, coordenadas com senso de responsabilidade, são capazes de produzir resultados.

Desse modo, quando ouvimos que não haverá uma escola de qualidade sem o uso dos recursos tecnológicos disponíveis, não oferecemos nenhuma resistência, pois essa afirmação se torna evidente no âmbito de uma sociedade baseada em conhecimento e informação. Da mesma forma, quando verificamos a remuneração dos professores da rede pública, percebemos que a desvalorização da carreira e o desprestígio social também são causas inibidoras para que o sistema de ensino seja capaz de atrair, de forma permanente, os que desejam construir uma história de sucesso na área educacional.

É vergonhoso para qualquer país que um educador tenha que realizar outras atividades econômicas para complementar sua renda e sobreviver, como também é pouco razoável imaginar que os mesmos não devam se submeter, de forma constante, a avaliações de desempenho. Parece não existir dúvida de que a vigência de um sistema de valorização sujeito a progressão burocrática da ascensão profissional torna-se impeditivo essencial



para quem se depara com a decisão de escolher a função de educador como missão de vida.

Apesar dessa realidade, sabemos que, na vida, além dos aspectos materiais e formais, existe a força da motivação e das escolhas. Permito-me, para ilustrar e dar vazão a essa percepção, voltar ao passado e lá encontrar um professor de geografia, que, numa manhã de sol, adentrou pela sala de aula e disse: “Hoje vamos falar de geografia humana. Mas antes vou lhes contar sobre um poeta, Fernando Pessoa, que, ao dizer que era um homem comum, mas que trazia, em si, todos os sonhos do mundo, nos mostrou que somos capazes de aprender a nos tornar melhores a cada dia”.



Quem de nós não guarda para si experiências cognitivas tão impactantes como essa, capazes de exercer influência em nossas vidas para sempre? Quem não se recorda das professoras que nos ensinaram a tradução das primeiras letras e a formação das palavras e de seus sentidos?

O que essas lembranças têm a ver com a educação do presente e do futuro, com a busca pela qualidade de forma verdadeira e objetiva, voltada para a formação contínua, para o uso de novas ferramentas técnico-educativas, resultado da combinação de um conjunto de aspectos pedagógicos?



Parece-me simples, na medida em que não teremos uma boa escola, se, neste espaço que apresenta uma dimensão material, geográfica, social, cultural e educativa, não estimularmos a formação de valores éticos e humanos.

Não devemos ter dúvidas em assegurar que uma boa instituição de

ensino é aquela que propicia um ambiente onde o reconhecimento dos conflitos e das dificuldades deve encorajar a busca de soluções e a superação de desafios. Não podemos esquecer que a escola que ensina para a vida não deve tão somente ser reconhecida por ser capaz de repassar conhecimentos em física, química ou matemática - o que, aliás, levando em conta os resultados medidos pela OCDE, demonstra a enorme fragilidade de nosso sistema -, mas, igualmente, ser um espaço que abrigue os que sejam capazes de despertar nas mentes jovens inspiração ética.

Talvez esse seja um dos maiores desafios da educação brasileira, ao lado daqueles tão bem citados e mencionados em pesquisas e estudos, pois diz respeito a como moldar um sistema baseado em relações de respeito, no reconhecimento da diferença, no combate às posições etnocêntricas e nos preconceitos injustificáveis.

A propósito, ao escrever este artigo com o presente tema, fui motivado pelo fato de que, recentemente, ao proferir, em uma universidade, palestra sobre gestão e desenvolvimento e, ao me referir ao papel da educação, indaguei aos alunos o que permanecia em suas lembranças com relação ao início de suas vidas escolares. Devo confessar que as respostas não foram muito animadoras. O grande receio é que, ao saírem de onde estão, permaneçam os mesmos. Não haverá dúvida de que, se esse for o resultado, mais uma vez o sistema de ensino terá falhado. ■

\*Secretário-geral da Associação Brasileira de Municípios (ABM) e coordenador nacional da Escola de Gestão Pública (EGP)

[www.portalegp.com.br](http://www.portalegp.com.br)